

AMADO OU RESPEITADO?

Qual a melhor maneira de criar os filhos é tema recorrente nas rodas de conversa. Exemplos de como meu pai, minha mãe, meus avós faziam são citados a todo instante com tanta ênfase que chegam a ganhar status de tese de doutorado, uma a uma se apresentando mais eficaz que a outra.

Por óbvio que é fato não ser tarefa fácil criar e educar. Os índices de marginalidade, de abandono, da mais total falta de respeito ao conceito de família são latentes estando escancarados à vista de todos. De quem seria a culpa desta conjuntura? Não trataremos disto neste trabalho, este tema deva ser tratado em separado pois que, é tema muito rico e profundo, não que, o que agora se pretenda tratar não seja.

Abrir mão da liberdade de solteiro para se dedicar na formação de outro ser humano é decisão difícil de ser tomada, ainda mais quando não se trata de decisão e sim de imposição, quando nos encontramos em uma situação em que não nos é oferecida qualquer escolha, tem que ser aquela, ou virar as costas e seguir seu caminho sem olhar para trás, ignorando aquela situação e aquele ser. Seria neste momento que estaria nascendo o marginal que vai a qualquer momento estar assaltando e matando?

Você leitor poderia dizer: “mas o primo da irmã da cunhada da tia da minha vizinha que também foi abandonado hoje é um grande médico”. Não tenha dúvidas caro leitor, esta situação é a exceção das exceções, está anos luz de ser a regra.

A falta de políticas públicas que possam garantir minimamente a construção de uma estrutura familiar são responsáveis diretas pelo triste quadro de marginalidade que ora vivenciamos. Faltam políticas de planejamento familiar, de prevenção da gravidez indesejada, de acompanhamento escolar, de abusos de explorações de toda a sorte.

Mas também é fato que, quem principalmente viveu outro momento de metodologia de criação sente grande diferença nos mecanismos hoje usados. Quem lembra que compreendia e imediatamente obedecia somente pelo olhar do pai, que transmitia uma mensagem clara e direta, tem plena certeza que se vivia em um mundo bem mais seguro naqueles tempos. Não que não houvesse violência ou barbaridades, não que não se cometessem erros, muito menos que fosse um mundo perfeito, mas, nada disso havia se tornado banal pois que, havia limites respeitados e construídos institucionalmente, de forma harmônica e continua encravados na alma e no coração, frutos de uma criação, não diria perfeita, mas diferente nos seus propósitos e objetivos.

Naqueles tempos, os pais não tinham como principal preocupação e objetivo serem amados. Não antes de serem respeitados. A primeira preocupação era ser respeitado, o amor daí nasceria. Primeiro se impunha limites no falar, no se levantar, no se retirar, interromper uma conversa entre os adultos? Alguém se lembra das consequências do cometimento de ato tão insano quanto este? A reprovação era séria e dura, pois que, o objetivo e o propósito era que a criança alcançasse e assimilasse o conceito de respeito, por si, pela família e pelos terceiros.

A mutação perigosa que se percebe no momento é que, parece que há por parte dos pais, uma perseguição insana pelo amor dos filhos, antes que estes tenham desenvolvido a compreensão de respeito. Seria realmente possível que alguém fosse capaz de amar antes de respeitar? Não parece coerente.

O respeito tem regras claras para sua edificação, regras de convívio social que são unanimidade em qualquer lugar do mundo. O amor é um sentimento mais complexo, que deve ser construído com mais tempo, com mais cuidado para não ser confundido com permissividade.

Impossível alcançar o amor de quem quer que seja, sem antes ter alcançado o respeito. Sendo certo que, uma vez não absorvido o sentimento de respeito jamais teremos o amor, nem de nossos filhos por óbvio.

Por Fernando Balby, Criminalista.